



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

JOÃO CARLOS ARAÚJO DOS SANTOS

SER PROTAGONISTA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Salvador

2022

JOÃO CARLOS ARAÚJO DOS SANTOS

SER PROTAGONISTA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Proposta de uma Sequência Didática

Sequência Didática apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, pela Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lavínia Neves dos Santos Mattos

Salvador

2022

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	3
2 ORIENTAÇÕES GERAIS	4
3 ETAPA I - MOTIVAÇÃO	5
4 ETAPA II - INTRODUÇÃO	9
5 ETAPA III - LEITURA E INTERPRETAÇÃO	11
6 ETAPA IV - FECHAMENTO	18
7 AVALIAÇÃO	20
8 RECURSOS	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXO A – Biografia de Lázaro Ramos	26
ANEXO B – Biografia de MC Soffia	27
ANEXO C – Biografia de Karol Conka	28
ANEXO D – Biografia de Yasmim Thayná, narrada por ela mesma	29
ANEXO E – Música “É o poder”, de Karol Conka (2015)	34
ANEXO F – “Zero”, de Liniker Barros (2015)	36
ANEXO G – “O mais belo dos belos”, do Ilê Aiê (1992)	37

1 APRESENTAÇÃO

No ambiente escolar, o trabalho com leitura, especialmente a literária, constitui há algum tempo um grande desafio para muitos professores de língua portuguesa, que se deparam com uma certa desmotivação do estudante para tal atividade pedagógica. Logo, surge a necessidade de tentar amenizar esse problema de sala de aula, através da apresentação de propostas pedagógicas que intervenham, com mais eficácia, nas causas essenciais dessa dificuldade em promover a leitura escolar. Nesse sentido, acreditamos que a desmotivação por parte do estudante para o trabalho de leitura, dentre diversos fatores, ocorre principalmente por não haver muitas vezes uma identidade e afetividade entre os três elementos básicos nesse circuito: a prática docente, o texto e o estudante. Isto é, em diversos momentos, a metodologia assumida pelo professor não é suficiente ou adequada para tornar o texto atraente, provocativo e reflexivo para o estudante, de tal maneira que esse sujeito se sinta afetado e capaz de ressignificar aquilo que as vozes subjacentes à autoria de um texto literário lhe dizem.

Em outras palavras, de alguma forma, o estudante precisa se reconhecer no texto e, através disso, ser capaz de alargar a sua forma de enxergar a realidade sociocultural que o circunda, criando assim condições para o seu próprio protagonismo social. Baseado nisso, é que se propõe aqui uma sequência didática para a leitura literária como uma experiência afetiva para o estudante, contribuindo para formação de um leitor crítico-reflexivo, capaz de discernir sobre sua própria condição, enquanto sujeito social. Para isso, baseados em diretrizes do modelo teórico-metodológico de Cosson (2018), com o intuito também de motivar o estudante à leitura de diferentes gêneros textuais e literários, inseridos em uma mesma contextualização temática, gradualmente propomos a leitura de raps e da narrativa autobiográfica “Na minha pele”, de Lázaro Ramos, que levem esses estudantes a refletir sobre o que é “ser protagonista na sociedade brasileira”. Ou seja, através de diferentes textos de circulação social, exploramos uma temática visando ao trabalho para formação leitora crítico-reflexiva de nossos estudantes, sob as malhas da Literatura. Assim, como proposta para esta SD, temos a narrativa autobiográfica de Lázaro Ramos, os raps “Minha Rapunzel tem dread”, MC Soffia, e “É o poder”, de Karol Conka, além de outros textos, que manifestam as suas vozes em contextos sociais compatíveis aos de muitos estudantes para os quais se destina tal proposta metodológica, o que nos possibilitaria situar a leitura literária como uma fonte de experiências positivas para o possível protagonismo social desses sujeitos.

Contíguo a isso, no decorrer dessas leituras, apresentaremos também estratégias para trabalhar com os estudantes alguns recursos expressivos presentes nos textos literários sugeridos, objetivando assim atender, de certa forma, determinadas propostas curriculares de ensino da língua portuguesa relevantes para o aperfeiçoamento discursivo dos estudantes das séries finais do Fundamental II. Por fim, buscou-se ainda na nossa proposta metodológica um certo alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que se refere à habilidade EF69LP44: “Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico da sua produção”. (BRASIL, 2017, p.157)

2 ORIENTAÇÕES GERAIS

- A SD deverá ser aplicada em turmas de 9º ano do Fundamental II, em virtude do nível de interpretação crítico-reflexiva exigido nas estratégias de leitura proposta.
- O tempo previsto de duração da SD é de 24 aulas, com 50 minutos cada. Essas aulas deverão ser registradas com fotos e/ou vídeos que serão utilizados na etapa de “fechamento” da SD.
- A obra proposta para aplicação da SD de leitura literária é a narrativa autobiográfica “Na minha pele”, de Lázaro Ramos, Editora Objetiva, 2017, que será trabalhada em diálogo com outros gêneros poéticos, a exemplo do rap.
- A SD contém estratégias de leitura literárias concebidas para explorar, como conteúdo atitudinal para os estudantes, a perspectiva de ser protagonista na sociedade brasileira.
- As “orientações” e “sugestões” apresentadas nas estratégias da SD objetivam promover significativamente o docente como um mediador efetivo da leitura literária.

3 ETAPA I - MOTIVAÇÃO

Tempo estimado: 04 aulas

Objetivos específicos:

- Iniciar e desenvolver a leitura literária de forma afetiva e motivacional;
- Entrar em contato e interagir com uma variedade de textos literários de autoria e contexto de produção diferentes;
- Desenvolver a oralidade a partir da leitura e análise de textos literários;
- Interpretar, de forma crítica e reflexiva, o texto literário a partir da intertextualidade.

Estratégias:

I - Através de slides, apresentar apenas o texto do rap “Minha Rapunzel tem dread”, da jovem rapper paulista MC Soffia, omitindo o título da canção:

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana
Agora vou contar o meu conto para vocês
Como todas as histórias começa com era uma vez
Era uma vez uma princesa Rastafari
Que nasceu no reino de Sabá
Na minha história quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas podem tudo mudar

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Ahn, pode crer, não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

No seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer

Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ai, isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você

Cri-cri-crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-cri-crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-cri-crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Não, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, pode crer, não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe para se salvar
Ela é empoderada e pode o mundo conquistar

No seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ai, isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo o que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você

Cri-cri-crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-cri-crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você

Fonte: [Musixmatch](#)

II - Depois, propor aos alunos uma brincadeira de tentar adivinhar o título do texto, através das ideias que ele apresenta (Observação: solicitar aos alunos que por acaso conheçam a canção que não se pronunciem);

III - Em seguida, reproduzir a canção para os estudantes, de preferência através de vídeo clip disponível na internet: https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6_SV5_8;

IV - Após a reprodução, o professor deve falar um pouco da biografia de MC Soffia (disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/MC_Soffia) e promover uma roda de conversa, conduzindo os estudantes a responder as seguintes questões a respeito da composição do título da canção;

- a) Alguém sabe quem é Rapunzel? Como a personagem costuma ser descrita fisicamente?
- b) O que é dread? Por que esse elemento foi escolhido pela autora para caracterizar a Rapunzel do rap?

(Observação: caso os estudantes desconheçam quem é Rapunzel e o que é dread, incentivá-los a pesquisar na internet através do celular)

Orientação: Após a discussão dessas duas primeiras questões, explorar um pouco o conceito de intertextualidade, mostrando aos estudantes de que maneira a autora, não só no título como também no decorrer da canção, apropria-se de elementos dos contos de fada, a exemplo do uso da expressão “era uma vez”; presença de bruxa, príncipe, reino e a ação de salvar.

- c) Na canção, a autora cita vários elementos da cultura africana, que deseja valorizar, como “reino de Sabá” e “princesa Etiópia” (Observação: nesse momento, o professor deverá explicar essas citações, inclusive reproduzindo nos slides imagens relacionadas à explicação). Para vocês, qual a finalidade da autora em utilizar essas citações?
- d) “Essa história eu inventei porque não vi princesa assim/só me mostraram uma, ah isso não dá para mim”. Como você interpreta esse verso, levando em consideração a autoria da canção?

Orientação: Após debater com os alunos essas duas questões, é interessante que o professor aborde o caráter autobiográfico presente no rap, ressaltando a ideia de identidade sociocultural que geralmente caracteriza esse tipo de produção artístico-literário-musical.

- e) O que o rap defende ao afirmar que a princesa não precisa de um príncipe para salvá-la (verso 18)?
- f) Embora possa ter um público bem amplo, esse rap parece falar diretamente com um grupo social. Qual?
- g) Qual mensagem é transmitida a esse grupo no verso “crie uma princesa que pareça com você”?
- h) E vocês se identificaram de alguma forma com essa canção? Fale um pouco sobre isso.

Sugestão: Como o objetivo principal dessa 1ª etapa da SD, é motivar os alunos para a leitura literária, torna-se importante que a condução dessa roda de conversa seja feita de forma afetiva, leve, descontraída e, ao mesmo tempo, reflexiva. Sugere-se inclusive que o professor distribua chocolates para os estudantes no processo de discussão das questões propostas.

V – Ao final da roda de conversa, o professor vai propor à turma a produção de uma página oficial no *Instagram* e/ou *Facebook*, intitulada de “Cofrinho Poético”, que será abastecida, não só pelos próprios estudantes como também pelo professor, com postagens de poesias ou canções, as quais tenham algum tipo de significado pessoal ou social para eles. Ao postar seus “tesouros poéticos”, os estudantes deverão legendar as postagens com alguma explicação interpretativa ou qualquer outro motivo que justifique a sua escolha. A partir daí, no decorrer de determinadas aulas, até o final de aplicação da SD, o professor pode sugerir que algum estudante abra a página “Cofrinho Poético”, através de computador e projetor de imagens disponibilizados pela instituição de ensino, e leia oralmente para a turma um “tesouro poético” que ele compartilhou. Em seguida, o professor promove um pequeno debate com a turma, refletindo sobre as ideias que esse texto poético propõe.

Orientação: Durante o debate do “tesouro poético” compartilhado na sala de aula, é importante que o professor sempre destaque aquilo que achar relevante para os estudantes se apropriarem no que tange ao processo de construção do texto literário. Exemplo: uma figura de linguagem significativamente utilizada pelo autor do “tesouro poético”.

4 ETAPA II - INTRODUÇÃO

Tempo estimado: 04 aulas

Objetivos específicos:

- Recepcionar de forma positiva a obra proposta para leitura literária;
- Despertar-se para o protagonismo social através da identidade biográfica do autor da obra a ser lida;
- Reconhecer previamente temáticas sociais que serão discutidas no decorrer da leitura literária;
- Entender alguns elementos básicos que constituem os textos autobiográficos;
- Compreender a função fática da linguagem que a capa e o título de uma obra literária podem exercer.

Estratégias:

I - Inicialmente o professor vai conduzir os alunos para uma sala multimídia e reproduzir a narrativa filmica “Ó Pai ó”, dirigido por Monique Gardenberg, 2008, Brasil e estrelado, dentre outros nomes, por Lázaro Ramos.

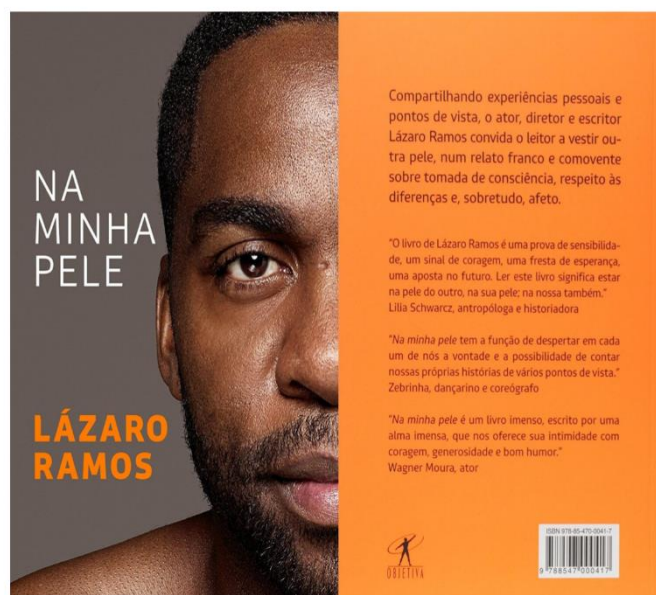
Sugestão: Se possível, o professor junto à gestão escolar deverá caracterizar esse momento como uma verdadeira “sessão de cinema”, providenciando pipocas, refrigerantes e doces.

II - Após a “sessão de cinema”, na própria sala multimídia, abrir uma roda de conversa e debater com os estudantes o enredo do filme, chamando atenção para as questões sociais que o envolvem, a exemplo da intolerância religiosa, racismo, violência, turismo sexual, prostituição.

III - Em seguida, perguntar aos estudantes se conhecem Lázaro Ramos e solicitar que falem o que sabem sobre esse artista. Logo adiante, através de slides, apresentar a bibliografia do autor, constante no livro “Na minha pele” em seção intitulada de “Sobre o autor”, e solicitar que alguns alunos a leiam em voz alta (aqui será importante o

professor destacar como Lázaro - um homem negro, oriundo da periferia de Salvador, estudante de escola pública – atingiu o estrelato e o protagonismo social, tornando-se um dos mais prestigiados atores da Rede Globo de Televisão).

IV - Apresentar para os estudantes, através de slides, a imagem da capa do livro “Na Minha Pele”, de Lázaro Ramos e conduzi-los a responder as seguintes questões:



Capa e contracapa de "Na Minha Pele", de Lázaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

- O que vocês acharam da capa do livro?
- Ela transmite alguma sensação para vocês?
- Qual a relação que inicialmente podemos estabelecer entre o título do livro e a história de vida do autor sobre a qual conversamos no momento anterior?
- É possível perceber semelhanças também com a biografia de MC Soffia, cujo rap ouvimos e discutimos anteriormente?

Orientação: Ao discutir com os estudantes a questão presente no item C, é interessante o professor destacar a importância de um título na construção da obra literária, explicando a sua função fática. Nesse ínterim, vale à pena destacar também a presença dos elementos não-verbais na construção das ideias que a capa do livro sugere.

V - Depois disso, apresentar o livro físico e ler a sinopse para os estudantes, propondo iniciar a leitura da obra, todos juntos, a partir da próxima aula.

Orientação: O livro “Na minha pele” já está disponível em formato *PDF*; por isso, a fim de incentivar a leitura através das tecnologias digitais, sugere-se que o professor possa antecipadamente compartilhar o arquivo com os alunos para que a próxima etapa da SD de leitura literária seja procedida através do *smartfone*, *tablet* ou outro dispositivo, viabilizado pelo próprio estudante ou pela instituição de ensino. Ressalta-se que, para os casos de alunos impossibilitados de acessarem as tecnologias digitais, deverão ser disponibilizados antecipadamente, por parte do docente junto à gestão escolar, volumes do livro físico.

5 ETAPA III - LEITURA E INTERPRETAÇÃO

Tempo estimado: 10 aulas

Objetivos específicos:

- Estimular-se afetivamente para as etapas de leitura e interpretação do livro “Na minha pele”, de Lázaro Ramos;
- Promover espaços afetivos de leitura literária no ambiente escolar;
- Compartilhar com os colegas, via rodas de conversa, reflexões e interpretações dos textos literários propostos;
- Reconhecer elementos significativos que, no geral, marcam a natureza dos textos literários;
- Desenvolver a leitura colaborativa como processo constitutivo de uma comunidade de leitores;
- Perceber a relação entre o conteúdo ideológico da obra literária e a vida social do seu autor.

Estratégias:

I - Como forma de continuar o processo de estímulo afetivo para a leitura literária, antes de sugerir que os alunos iniciem o processo de leitura do texto de Lázaro Ramos, o

professor deverá projetar, através do datashow, o trecho de uma carta que o ator escreveu à cineasta Yasmin Thayná, antes de publicar o livro “Na minha pele”:

“Não poderia me despedir sem dizer que sua carta fez com que eu tivesse mais forças para encarar esse desafio que é a publicação de um livro (“Na Minha Pele”). Um livro que demorou dez anos para ser feito e me deixou inúmeras vezes amedrontado, sem saber que reação despertaria no leitor. Porque nesse texto estão vômitos, dores e alegrias muito particulares – e vê-los expostos, causa-me sempre algum pavor. Sua carta me deu forças porque entendi que esses medos são meus, sim, mas não apenas meus. Por outro lado, somos muitos. Portanto, eu não sou o dono da verdade, mas posso propor diálogos, não é mesmo? Essa coisa tão em falta e ao mesmo tempo tão fundamental.”



Orientação: Para explicitar a ideia de identidade étnico-sócio-cultural e reforçar a concepção de protagonismo social que se deseja alcançar para o estudante com a aplicação dessa SD, será fundamental que o professor, comparando com a biografia de Lázaro Ramos, fale brevemente sobre alguns aspectos biográficos da cineasta Yasmim Thayná, a exemplo de ser uma jovem mulher negra, de origem pobre, estudante de escola pública e uma cineasta premiada com o “Oscar da África” (Se achar oportuno, o professor pode solicitar que, em casa, os estudantes se aprofundem na interessante história de vida de Yasmim contada por ela mesma, através do site¹).

II – Em seguida, chame a atenção dos estudantes para a frase: “*Sua carta me deu forças porque entendi que esses medos são meus, sim, mas não apenas meus*”, e os conduza a debater os seguintes questionamentos:

- a) Por que os “medos” do autor não são apenas dele? Conhecer experiências de vida de uma pessoa pode ampliar nossa percepção do mundo e nos ajudar a refletir sobre a realidade em que vivemos?

Orientação: Para que os estudantes entendam melhor elementos do contexto de produção do livro “Na minha pele”, o professor poderá incentivá-los a acessar a carta completa de Lázaro Ramos disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/O-diálogo->

¹ Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2020/01/conheca-yasmin-thayna-cineasta-carioca-que-venceu-o-oscar-africano.html>>. Acesso em 03 de abril de 2021.

a-empatia-e-a-consciência-uma-carta-de-Lázaro-para-Yasmin>. Acesso em 01 de abril de 2018.

III – Concluídas as duas etapas anteriores, o professor deverá conduzir os estudantes para a sala de leitura ou biblioteca e ler oralmente para eles, de forma expressiva e entusiasmada, o “Prólogo – A saga do Camarão”.

IV – Em seguida, o professor deverá explicar a função de um prólogo em uma obra literária, ou seja, um esclarecimento no qual é contado algum fato que antecede a trama/história principal em questão. Diante disso, destacar para o estudante a relação desse conceito com o subtítulo “A saga do camarão”, metaforicamente utilizado pelo autor para relatar o quanto o nascimento da sua narrativa autobiográfica tornou-se uma saga dentro do seu “eu-negro”. Importante o professor sinalizar também o caráter metalinguístico que norteia esta seção da narrativa, exemplificando-o significativamente com este trecho: “Sempre que eu falar de mim neste livro, estarei também falando de você” (pág. 8) e mostrando, como através disso, o autor intenciona criar um elo com o leitor, estimulando-o para a leitura dos capítulos subsequentes. Nesse ponto, vale à pena o professor terminar esse momento, fazendo o seguinte desafio para classe: e aí, vamos ver então como cada um de vocês se enxerga na voz de Lázaro Ramos? Vamos lá! Primeiro, em casa, procure aquele cantinho de silêncio de que você mais gosta para ficar sozinho consigo próprio e faça atenciosamente a leitura dos seguintes capítulos da obra: “A ilha”; “Quero ser médico”; “Entre o laboratório e o palco”. Reflita sobre os fatos relatados pelo autor nesses capítulos e anote no caderno aqueles que te chamaram a atenção ou mexeram com você, para que, caso se sinta à vontade, compartilhe conosco no próximo encontro (observação: é importante que, até o próximo encontro, dê-se um intervalo suficiente para que os estudantes procedam individualmente a leitura dos três capítulos propostos, o que corresponde em média a 35 páginas, lembrando que cada estudante tem o seu ritmo de leitura. Por isso, sugerimos uma semana de prazo).

Orientação: A fim de que não fique exaustivo para o estudante esse processo inicial de leitura literária, sugere-se que a primeira parte da estratégia IV seja conduzida pelo professor de forma expositiva e dialogada, utilizando slides para explorar levemente a relação entre os elementos literários aqui sugeridos: prólogo, saga, autobiografia, metáfora e metalinguagem.

V – Após os estudantes promoverem a leitura individual dos três capítulos propostos na estratégia IV, o professor deverá iniciar a próxima aula, reproduzindo para os estudantes o clipe da canção “O mais belo dos belos”, do Ilê Aiyê, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3FfbW2y7qok>>. Em seguida, deixa-se exposta em slide a letra da canção e abre-se uma roda de conversa com as seguintes provocações:

- a) Na página 16, o autor relata que, ao ouvir pela primeira vez essa música na companhia de seu pai, em pleno carnaval de Salvador, sentiu-se tão afetado a ponto de chegar à seguinte conclusão: “Foi nesse dia que ouvi algumas das músicas que me fizeram ter um pouco mais de amor por mim mesmo”. O que vocês acharam desse episódio? Lembram do desafio da aula passada? Nesses três capítulos iniciais, vocês já começaram a se enxergar nos relatos de Lázaro Ramos?
- b) Algo também que o autor viveu, na infância ou adolescência, afetou você de alguma maneira? Fez você refletir ou pensar sobre sua própria vida também? Explique.
- c) Vocês viram que nesses três capítulos, o autor nos conta, de forma cronológica, sobre sua relação com a família, amigos do bairro onde cresceu, colegas de escola, como um aspecto determinante para o conhecimento de si próprio. E vocês pensam da mesma forma? Alguém gostaria de falar sobre sua relação com esses três nichos sociais: família, amigos de bairro e colegas de escola?
- d) Na página 22, Lázaro diz que, durante a infância, toda criança quer ser um super-herói ou um ídolo, e ele queria ser Jairzinho – membro do grupo musical infantil “Balão Mágico”, que fez sucesso nos anos de 1980. Essa escolha do autor deve-se ao fato de se identificar com Jairzinho por ser um dos poucos protagonistas infantis negros presentes na mídia televisiva daquela época. Como vocês avaliam esse comentário de Lázaro? Algum de vocês também quer ser alguém tido como super-herói ou ídolo? Compartilhe-nos suas reflexões sobre isso.
- e) “Por isso, digo sempre aos meninos e meninas que têm origem parecida com a minha: não há vida com limite pré-estabelecido. Seu lugar é aquele em que você sonha estar”. Essa fala de Lázaro Ramos te representa? Por quê?

Orientação: Nos itens D e E, é relevante para os objetivos dessa SD que o professor conduza o estudante a refletir sobre a concepção de protagonismo social através de um processo de identidade étnico-sócio-cultural.

VI - Executada a estratégia V, solicitar-se-á que os estudantes deem prosseguimento à leitura individual dos capítulos: “A ribalta”; “Conexão”, “Imaginário” e “Escolhas”, dando-lhes um prazo de 1 semana e solicitando-lhes que participem de um fórum na página do *Instagram* e/ou *Facebook* - “Cofrinho Poético” (criada na etapa de motivação), para registrar o que lhes chamou a atenção na leitura desses três capítulos e que, portanto, quisessem compartilhar virtualmente com seus colegas e professor. No próprio fórum, o professor pode sugerir que os estudantes assistam ao vídeo “Teste da Boneca no Brasil”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-VxPI7jQbQk>>, alertando-os que esse vídeo é uma versão brasileira de “*Wish a Doll (Black Doll White Doll Experimente)*”, referido por Lázaro Ramos na página 58 do capítulo “*Imaginário*”. Depois, deve-se orientar os estudantes a produzirem questões baseadas nas reflexões, tanto do autor Lázaro Ramos como do vídeo, sobre o tema do racismo e suas implicações sociais, a fim de serem debatidas no próximo encontro em uma mesa-redonda com mediação do professor.

Orientação: De forma provocativa e afetiva, é interessante que o próprio professor inicie o fórum com estas indagações presentes em uma interlocução que Lázaro faz com o leitor na página 48 do livro: “Quando, neste livro, eu sou você? Onde nos encontramos? Em nossas semelhanças ou em nossas discordâncias? ”. Ademais, no decorrer do fórum, dentro também da proposta desta SD de trabalhar os elementos peculiares ao texto literário, vale à pena o professor alertar os estudantes para o processo criativo do capítulo “Conexão”, cujas margens e linhas foram propositalmente configuradas de forma assimétrica, mostrando-lhes a relação disso com o que propõe o autor nas indagações anteriormente citadas. Isto é, aquele era um momento de o autor interromper as suas memórias para tentar estabelecer um outro tipo de conexão ideológica com os leitores, o que de certa forma o deixou incerto se realmente esses desejam isso. Decorrem daí as linhas e margens incertas. A título de reforço, uma vez que já propomos isso em estratégias anteriores, importante também o professor reforçar a forma metalinguística como o autor constrói o capítulo “Conexão”, chamando atenção do leitor para alguns aspectos literários presentes na sua narrativa.

VII - No próximo encontro em sala de aula, o professor deverá promover a mesa-redonda proposta na estratégia VI, conduzindo os estudantes a debaterem sobre as questões produzidas por eles próprios a respeito das reflexões de Lázaro Ramos e do vídeo “Teste

da Boneca” a respeito do “racismo e suas implicações sociais”, conforme foi orientado na estratégia anterior.

Orientação: A fim de continuar com o processo de afetação dos estudantes para a leitura literária, nessa estratégia, será valioso o professor solicitar que, no decorrer da mesa-redonda, alguns estudantes leiam e comentem voluntariamente as seguintes falas presentes no capítulo “Imaginário”, da narrativa de Lázaro Ramos:

- “Quando entrevistei a Glória Maria no Espelho, lembro que ela me falou da dificuldade de criar as filhas em um mundo branco” (p. 49).
- “Sempre que uma criança admira as características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma” (p. 50).
- “Quando você vê uma novela, seja mexicana, venezuelana ou brasileira, os belos são brancos; a subalternidade é representada pelo negro e pelo mestiço, que nunca são destacados como modelo de beleza e de nação” (p. 53).

Dependendo do andamento da mesa-redonda em relação ao tempo, como mediador da leitura literária, o professor poderá explicitar para os estudantes a forma autêntica e brilhante em que o autor, na página 54, explora o jogo semântico entre as palavras “alforria” e “liberdade”, as quais são relacionadas por ele, contrário do que geralmente acontece, através de um processo linguístico de antonímia, dentro de um contexto sócio histórico: “...na época da escravidão, um negro que tivesse conseguido sua alforria e estivesse viajando pelo Brasil, podia ser apreendido a qualquer momento pela polícia como ‘suspeito’ de ser um escravizado. Por isso, ainda que a alforria estivesse em seu bolso, ele se locomovia como um ‘escravo fujão’. Portanto, se vocês acham que alforria e liberdade são palavras sinônimas, esqueçam. E o que ocorre nos dias de hoje não é muito diferente, o mesmo negro que apanhado pela polícia deve mostrar pronta humildade para que não seja confundido com um bandido antes que possa provar que não o é. Notaram alguma semelhança com o negro alforriado?”

VIII – Finalizada a estratégia anterior, agora é a vez de partirmos para a leitura e interpretação dos capítulos finais da narrativa de Lázaro Ramos: “Empoderamento e afeto”; “Quando fiquei sem resposta”; “O filtro” e a “Roda”. Para isso, o professor deverá solicitar que os estudantes os leiam individualmente, tentando observar de que maneira os fatos narrados e as reflexões presentes nesses capítulos tornaram Lázaro um

protagonista na sociedade brasileira. Incentive os estudantes a compreenderem como esse artista famoso venceu, ou vence, as adversidades causadas pelo preconceito e pela opressão tão enraizados na nossa interação social.

Orientação: A leitura individual desses capítulos deverá ser feita pelos estudantes em casa e concluída até o próximo encontro presencial.

IX – No próximo encontro, o professor deverá iniciá-lo com a reprodução do vídeo-clip da canção “É o poder”, de Karol Conkà, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kOSQngZjvdc>>. Em seguida, apresentar em slide a biografia da autora e a letra desse rap, destacando o trecho citado por Lázaro Ramos na página 74 do capítulo “Empoderamento e afeto”:

“Sociedade choque eu vim para incomodar
Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar
Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim, se equivocou
Fui eu quem criei, vivi, escolhi, me descobri, e agora aqui estou”

Logo após, abrir uma roda de conversa e conduzir os estudantes a debaterem os seguintes questionamentos:

- a) Considerando a biografia da autora e o contexto da canção, o que seria uma “sociedade choque” para vocês? Relate exemplos da narrativa de Lázaro que também caracterizam essa sociedade.
- b) No convívio social brasileiro, é comum as pessoas utilizarem a expressão “meu santo é forte”. Nesse contexto, o que significa essa expressão? Como ter o “santo forte” na “sociedade choque” em que vivemos?

Orientação: A proposta desse momento é, de forma lúdica e afetiva, motivar o estudante a refletir, através da leitura literária, o que é ser protagonista na sociedade brasileira. Por isso, é interessante que o professor conduza essa estratégia de modo que a mesma não ultrapasse 1 aula, já que a aprofundaremos a seguir. Ademais, aqui é interessante o professor ressaltar para os estudantes a relação entre o conteúdo ideológico veiculado na obra literária e a vida social do autor (a).

X - Em seguida, o professor poderá dividir a turma em quatro equipes, distribuindo para cada uma delas um capítulo daqueles que foram propostos na estratégia VIII. Feito isso, solicita-se que cada equipe prepare uma pequena apresentação para a turma, baseada no seguinte roteiro:

- Justificar, dentro dos relatos do autor, o nome do capítulo?
- Destacar fatos e/ou reflexões presentes no capítulo que nos remetem à ideia de protagonismo social.
- Evidenciar característica (s) de Lázaro, presente (s) na narrativa do capítulo, que o faz (em) um protagonista na sociedade brasileira.
- Apresentar a reflexão final da equipe a respeito da leitura global de “Na minha pele”.

No final das apresentações, com o fundo musical da canção “Zero”, de Linikerr Barros, citada por Lázaro na página 74, o professor deverá fazer um “círculo afetivo” na sala de aula, com todos os participantes de mãos dadas, e solicitar que cada um deles, inclusive o professor, sucessivamente fale, em voz alta, uma palavra que represente a experiência de leitura do livro “Na minha pele”. (Observação: para que isso funcione adequadamente, faz-se necessário oferecer antes em torno de três minutos para que os estudantes mentalizem o sentimento que deverá verbalizar no círculo afetivo)

Orientações: Durante a preparação das apresentações, o professor deverá circular de equipe em equipe, participando um pouco das discussões, para auxiliar em possíveis dificuldades para elaboração do roteiro proposto. Nesse ínterim, deve-se orientar as equipes a explorarem alguns conceitos presentes nos capítulos referidos, a exemplo de empoderamento, afetividade familiar, autoafirmação racial e de gênero, alteridade (se colocar no lugar do outro).

6 ETAPA IV - FECHAMENTO

Tempo estimado: 6 aulas

Objetivos específicos:

- Socializar para a comunidade estudantil suas interpretações e reflexões a respeito de “Na minha pele” e os outros textos envolvidos;
- Promover a integração entre a literatura e outras modalidades artísticas, transformando o espaço escolar em um ambiente multidiscursivo;
- Mobilizar outros agentes comunitários para mediação da leitura literária no ambiente escolar.

Estratégias:

I – Iniciar a aula reproduzindo um dos episódios do programa “Espelho”, dirigido por Lázaro Ramos, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sUbSNBI8ruQ>>. Nesse episódio, Lázaro entrevista a artista Liniker Barros, intérprete da canção “Zero”, reproduzida na estratégia X da etapa de “Leitura e Interpretação” dessa SD. Após os estudantes assistirem ao vídeo, o professor deverá conduzi-los a discutir as seguintes questões:

- a) Apoiando-se na leitura de “Na minha pele”, por que o programa apresentado por Lázaro se chama “Espelho”?
- b) Pelo pouco que se pôde conhecer da história de vida de Liniker Barros nesse programa televisivo, em que podemos associá-la aos relatos e reflexões feitos por Lázaro em “Na minha pele”?
- c) Quanto a vocês, em que se espelharam com a trajetória social de Liniker Barros?

II - Após o debate, cabe ao professor convidar os alunos para a seguinte proposta: “Vamos fazer para outros estudantes da escola um “espelho” do que nos afetou com esse projeto de leitura envolvendo não só o livro “Na minha pele” como também outros textos discutidos na sala e compartilhados na nossa página “Cofrinho Poético!?”; “Vocês topam produzirmos um café- literário para espelharmos nossas leituras”; “Vamos nessa, meus parceiros! ”. Em seguida, o professor começa a explicar a concepção do café-literário:

- 1) Como se trata de um café, o evento literário será realizado com a preparação de uma ceia matinal, providenciada junto à gestão escolar;
- 2) Serão convidados a participar do evento a turma de 8º ano, outros docentes da instituição, a gestão escolar e os pais dos estudantes;
- 3) No evento, deverá ocorrer o seguinte roteiro de apresentação:
 - Abertura do professor mediador do projeto de leitura, conferindo uma pequena palestra sobre “a importância da leitura literária no ambiente escolar”;
 - Projeção para o público de um vídeo-apresentação com momentos significativos do projeto de leitura literária;
 - Jogral realizado pelos estudantes com alguns “tesouros poéticos” compartilhados na página “Cofrinho Poético”, que dialoguem com o universo temático presente no livro “Na minha pele”;
 - Dramatização do programa “Espelho”, na qual um estudante representará “Lázaro” (o entrevistador) e outro representará “Ramos” (o entrevistado – autor

do livro “Na minha pele”). Aqui, o professor junto à turma organizará as perguntas da entrevista, de maneira a compartilhar com o público as reflexões e interpretações mais significativas dos estudantes a respeito da leitura do livro em questão.

- Encerramento com a reprodução de uma canção escolhida pelos estudantes que os represente como sujeitos sociais, explicando inclusive para o público o porquê dessa escolha.

Orientação: Interessante que o café-literário seja realizado em um espaço alternativo fora do ambiente escolar, para que torne esse momento de socialização bem significativo para os estudantes e as outras pessoas envolvidas. Salienta-se também que toda preparação do evento deverá ser conduzida sempre em aulas presenciais para que assim o professor possa intervir nas possíveis dificuldades dos estudantes. Além disso, salienta-se que toda a concepção do evento deve ser desenvolvida em diálogo com os estudantes, negociando sugestões e respeitando as suas possibilidades e limitações para concretização de tal proposta e adequando-a a isso, caso seja necessário.

7 AVALIAÇÃO

A avaliação será procedida de forma processual, qualitativa e quantitativamente. Diante disso, em cada etapa de aplicação da SD, o professor deverá produzir relatórios descrevendo o desempenho de cada estudante, considerando aspectos como assiduidade, interesse, cumprimento das estratégias de leitura literária e socialização.

8 RECURSOS

- Retroprojektor
- Computador
- Rede de *WI-FI*
- Dispositivos móveis (*smartphone, tablet, notebook*)
- Caixas de som
- Microfone

- Itens alimentícios de café da manhã
- Volumes do livro “Na minha pele”, de Lázaro Ramos, Ed. Objetiva, 2017.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide de Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ANTUNES, Irandé. *Textualidade e gêneros textuais: referências para o ensino de línguas*. In: ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 49-72.
- ANTUNES, Benedito. Aporias do Ensino de Literatura. In: SIQUEIRA, Ana Márcia Alves (Org.). *Literatura e Ensino: reflexões, diálogos e interdisciplinaridades*. Fortaleza-Ceará: Funcap, 2016, p. 13-28.
- ANZALDUÁ, Gloria Evangelina. *Como Domar uma Língua Selvagem*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, p. 297-309, 2009.
- _____. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.
- Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004
- BRASIL, Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. *A linguagem escravizada: língua, história e poder*. In: REA, ano 2, n. 22, março 2003, SSN 1519.6186.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Traduzido por Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSTA, Suzane Lima. O corpo-autor. In: SANTOS, José Henrique de Freitas; ASSUMPCÃO, Simone Souza de (Orgs.). *Redes de aprendizagens entre a escola e a universidade*. Salvador: EDUFBA, 2019, 293 p.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. *Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES*. Vitória-ES. a. 10, v. 19, n. 38, p. 11-34, jul./dez. 2013.
- _____. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide de Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gênero e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.
- ERICKSON, Frederick. Prefácio. In: Assis-Peterson, Ana Antônia de; Cox, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- FIQUEIRÊDO, Sandra Cristina Oliveira. *O texto literário e o estímulo afetivo e significativo na formação do leitor*. Dissertação de Mestrado. Ilhéus : UESC, 2017.
- FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GROTTA, E. C. B. *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2000.
- HAMILTON, Mary. *Introdução: explorando letramentos situados*. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary & IVANIC, Roz (Orgs.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000, p. 01-06.
- HIGA, S. E. L. *A constituição do sujeito como leitor: duas histórias de mediação*. Trabalho de Conclusão de Curso. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2007.
- HOOKS, bell. *Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens*. Estudos Feministas, Florianópolis. 16(3): 857-864, setembro/dezembro/2008.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KLEIMAN, Ângela (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, Campinas, SP: Mercado das Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade, 1995.
- _____. *A concepção escolar da leitura*. In: KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. 16ª ed. Campinas: Pontes, 2016. P. 21-44.
- _____. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Cefiel/ IEL/Unicamp, 2005.
- LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?* In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad.: A. Veiga-Neto. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Atos de Pesquisa em Educação- PPGE/ME FURB - ISSN 1809-0354 v. 6, n. 1, p. 25-52, jan./abr. 2011*

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4.ed – São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. - 8 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. *Pensar a potência dos afetos na e para a educação*. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set./dez. 2015
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.01, p. 15-40, abr. 2010.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*. 1 ed. São Paulo-SP: Moderna, 2018.
- PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro-RJ, n. 5, p. 222-231, set/out/nov/dez, 1997.
- REZENDE, Neide Luzia de. *O ensino de literatura e a leitura literária*. . In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide de Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p.148
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino de literatura*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide de Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- SALGADO, Marcus Rogério. *Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 151-153, 2º sem. 2015.
- SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. In: *Revista Ensino Superior* Unicamp. 2013. Ed. 09. Disponível em: <<https://www.revistaensino.com.br>> Acesso em: 03 de maio de 2021.
- SANTOS, José Henrique de Freitas. *Linhas de fuga da prisão sem grades: o hip-hop como pedagogia antipanóptica*. Em: SANTOS, J. H. F.; ASSUMPÇÃO, S. S. *Redes de aprendizagens entre a escola e a universidade*. Salvador: EdUFBA, 2019, p. 271-290.
- SANTOS, Vanessa Fernandes dos; MENDES, Mônica Campos Santos; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *A leitura na era digital: um desafio no ensino online*. Cadernos do

CNLF, vol. XXII, n. 03, Textos Completos, Tomo II. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018, p. 71-78.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91

SILVA, Claudicélio Rodrigues da. *A Literatura vai à escola, mas será que ela entra?* In: SIQUEIRA, Ana Márcia Alves (Org.). *Literatura e Ensino: reflexões, diálogos e interdisciplinaridades*. Fortaleza-Ceará: UFC, 2016, p. 29-37.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. *Educação na Cibercultura: Letramento Digital e Múltiplos Letramentos*. In: _____. (Orgs.). *Cultura digital, educação, tecnologia e linguagem*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2017.

ANEXO A – Biografia de Lázaro Ramos

O ator, escritor, apresentador e cineasta Luís Lázaro Sacramento Ramos ou como é mais conhecido Lázaro Ramos já conquistou seu lugar de prestígio no cenário da teledramaturgia e cinema brasileiro.

O soteropolitano nasceu em 01 de novembro de 1978 e cresceu em meio ao cenário pobre, porém, rico em cultura na periferia de Salvador. Foi justamente ali que o ator descobriria seu talento e chegaria a ocupar seu lugar no meio artístico.

Com apenas 10 anos de idade Lázaro Ramos aprendeu teatro na escola e já se apresentava como ator mirim em eventos escolares. Não demorou muito e engajou-se no projeto Bando do Teatro Olodum que integrava jovens às artes cênicas através do teatro e cinema.

O grupo teatral formado por atores negros era dirigido por Márcio Meirelles que sempre notou o talento nato de Lázaro Ramos.

Neste tempo o aprendiz de artes cênicas e futuro ator global se dividia entre um laboratório de análises clínicas onde trabalhava para ajudar a sustentar a casa, haja vista, ser filho único e sua mãe estar doente.

Ao passar em testes pela Rede Globo para o papel de Foguinho na novela Cobras e Lagartos o ator ganhou a simpatia nacional e se tornou um fenômeno. A novela levada ao ar em 2007 garantiu a Lázaro Ramos uma indicação ao Emmy por sua excelente interpretação.

Mas para chegar até o ano de 2007 e a uma novela da Globo o ator teve que fazer diversas peças desde 1993 quando na peça “A Máquina” ganhou notoriedade no eixo Rio – São Paulo. Foi justamente desta época que ele se aproximou de grandes atores e diretores.

Antes de chegar a novela Cobras e Lagartos a estreia de Lázaro Ramos foi na microssérie Pastores da Noite que lhe rendeu elogios dos principais diretores globais. Ao juntar-se a Wagner Moura, Lúcio Mauro Filho e outros atores da emissora Lázaro participou da série Sexo Frágil.

O papel de Lázaro Ramos assim como os demais se dividia em interpretar um homem e uma mulher.

O ator é um ativista dos direitos humanos e de conscientização contra o racismo. Casado com a atriz Taís Araújo tem dois filhos João Vicente de Araújo Ramos e Maria Antônia.

Disponível em: <<https://biografiaresumida.com.br/biografia-lazaro-ramos/>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

ANEXO B – Biografia de MC Soffia

MC Soffia nasceu na Zona Oeste de São Paulo, na região de Raposo Tavares, em uma família de militantes do movimento negro. Sua mãe, a produtora cultural e estudante de direito Kamilah Pimentel, ficou grávida ainda na adolescência, aos dezessete anos.

Na época, frequentava o movimento negro das periferias de São Paulo. Quando a filha nasceu, passou a levá-la consigo para as rodas de debate e outros eventos. Logo, a menina começou a participar de oficinas. Assim, Soffia se familiarizou com a cultura negra brasileira e se tornou presença ativa de eventos culturais e shows de hip hop com Kamilah. Aos três anos, começou a compor. Com quatro anos, começou a ter aulas de capoeira, depois se apaixonou pelo maracatu. E, aos seis, participou de uma série de oficinas do mundo hip hop: breake, grafite, DJ e MC.

Nessa mesma idade, também descobriu sua vocação. “Quero cantar”, disse. Desde então, com a ajuda da mãe e da avó materna, que confecciona bonecas negras de pano, tem composto e cantado raps com a temática do empoderamento feminino e, principalmente, negro. As letras de suas músicas falam sobre distorções sociais graves, como preconceito, racismo, machismo e incentiva outras garotas a se amarem do jeito que são.

Em uma entrevista, ela disse que foi ridicularizada por seus colegas por causa de sua pele negra, por conta do racismo no país. Suas referências incluem Nicki Minaj, Beyoncé, Rihanna, Alicia Keys e Karol Conka. O primeiro show ocorreu aos sete anos de idade, em uma maratona dedicada ao aniversário de São Paulo.

Também enfrentou resistência para entrar no mundo do hip hop, por ser um universo dominado por homens e com forte preconceito em relação à participação feminina.

Em 2016 se apresentou ao lado de Karol Conka na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos do Rio.

Em janeiro de 2018, como atividade pré-lançamento de seu videoclipe, "Barbie Black", realizou uma exposição na casa Aparelha Luzia, localizada no centro da cidade de São Paulo, com fotografias inspiradas na letra da canção. Após a divulgação do

videoclipe, foi alvo de comentários racistas nas redes sociais. Sua mãe abriu boletim de ocorrência após ter apurado que a filha fora alvo do comentário, sendo o caso registrado como injúria racial na Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/MC_Soffia> Acesso em: 01 de maio de 2021.

ANEXO C – Biografia de Karol Conka

Karoline dos Santos Oliveira, este é o nome do furacão chamado Karol Conká. Primeiramente, natural de Curitiba (Paraná), Karol tem 34 anos completos e possui uma origem humilde. No entanto, desde criança ela gostava de poemas, influenciada por sua mãe que também escrevia versos e de dançar. Por fim, aos 13 anos ela já participava de concursos de dança e sonhava em cantar.

Porém, foi apenas com 16 anos que ela participou de um concurso de rap e ganhou. Nesse meio tempo ela passou a investir em si mesma e começou a ganhar notoriedade na internet, onde exibia seus vídeos.

Em suma, sua carreira iniciou realmente aos 17 anos, mas uma gravidez aos 19 quase colocou sua carreira em risco. Entretanto, ela decidiu continuar mesmo assim, dando à luz ao menino Jorge, que ganhou este nome em homenagem ao Jorge Ben Jor, ídolo da cantora.

Durante sua carreira, Conká revelou ter sofrido muito preconceito por ser negra, mãe solteira e por cantar rap. Porém ela não se deixou abater por isso e permaneceu fazendo o que mais gostava: cantar!

Aos 21, Karol passou por uma forte depressão e ela deu uma leve afastada dos palcos. Quando ela completou 24 anos voltou com tudo e permanece até hoje, vira e mexe nas mais tocadas da rádio e nas plataformas de streaming.

O nome artístico Karol Conká veio desde criança, quando seu pai a alertava de sempre dizer que seu nome era “Karol com K”, assim então fez Karoline, transformando essa frase em seu nome de sucesso.

As músicas de Karol Conká evidenciam empoderamento feminino, como forma de lutar contra o machismo e elevar a autoestima das mulheres, principalmente as negras. Em diversas entrevistas, a artista faz questão de transmitir alguma mensagem de reflexão

à cerca dos temas sociais que ela defende, sempre sobre feminismo, diversidade e racismo. Dessa forma, Karol Conká se tornou um símbolo para esses movimentos, que utilizam a visibilidade da cantora para atingir mais pessoas.

Como prova disso, as letras das músicas “Tombei” e “É o Poder” exemplificam muito a mensagem de empoderamento que ela passa, assim como “Bate a Poeira” fala sobre diversidade e racismo.

Disponível em: <<https://areademulher.r7.com/celebridades/karol-conka-quem-e/>>
Acesso em: 01 de maio de 2021.

ANEXO D – Biografia de Yasmim Thayná, narrada por ela mesma

Se tivesse que me definir, diria que sou fruto de muitas coisas. De coisas que, talvez, ainda nem saiba que existam. Claro que sou cria de Osmar, meu querido pai pedreiro, e dona Zilda, minha avó paterna de quem sinto muitas saudades. Foi ela quem, durante toda a vida, carregou os anseios pela minha educação de qualidade. Mas se posso arriscar um palpite, diria que sou cria das políticas públicas do meu estado, o Rio de Janeiro, e da minha cidade natal, Nova Iguaçu, que me apresentaram um mundo de oportunidades.

Oportunidade. Algo diferente de capacidade ou meritocracia. Talvez seja sobre isso a história que quero contar aqui. Ainda que tenha tido uma infância humilde, foram muitas as possibilidades que surgiram ao longo da minha história. Foram elas, aliás, que me levaram a dirigir a série de reportagens *Política: Modo de Fazer* para a GloboNews, em 2018; a produzir, dirigir e exibir meu curta-metragem *Kbela* nos festivais de Roterdã, nos Países Baixos (um dos mais importantes da Europa), e de Cabo Verde, na África; a ganhar, em 2017, o prêmio de Melhor Curta da Diáspora Africana na Academia Africana de Cinema (o “Oscar da África”); e a criar, em 2015, o Afroflix, plataforma que reúne apenas produções assinadas por pessoas negras. É, acho que esta sou eu: uma cineasta de 27 anos que agarrou todas as oportunidades que surgiram na vida.

Educação pública? Sim!

Sempre estudei em escolas públicas e participei ao máximo das atividades extracurriculares que Nova Iguaçu oferecia. Durante o ensino médio, por exemplo, época em que fazia um curso técnico em eletrotécnica e achava que seria engenheira, não só organizei feiras culturais no município, como fiz parte do programa Jovem Repórter, em que produzia matérias sobre a agenda cultural da cidade. Ô tempo bom...

O que aconteceu no último ano do ensino médio, porém, foi um divisor de águas na minha vida: fui estudar cinema no Escola Livre, programa ligado à Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu para os estudantes de escolas públicas. Para participar, tive que me preparar para um “vestibular” sobre conhecimentos culturais, além de sobreviver a uma entrevista com gigantes do cinema nacional, como Ivana Bentes e Heloísa Buarque de Hollanda. Passei! Na época, não só estudei cinema por um ano (de graça), como fui aprovada no Cine Tela Brasil, oficina de três semanas dos cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. E assim fui picada pelo bichinho do cinema.

Luz, câmera e Kbelá

Depois de sair do ensino médio, ganhei uma bolsa de estudos de 50% em uma universidade privada do Rio, no bairro do Realengo, para estudar jornalismo. Isso mesmo: jornalismo. O cinema era meu grande sonho, mas senti medo do mercado. Eu tinha 19 anos, vinha de uma região carente, não possuía herança cultural, nem família de cineastas. Me boicotei. Sorte que um sonho não desiste fácil da gente. Não terminei o jornalismo e, quatro anos e duas transferências de universidade depois, estava, enfim, na faculdade de cinema da PUC-Rio. A formatura acontece no fim de 2020 e minha família já planeja uma big festa.

Bem, enquanto pulava de uma faculdade a outra, fiz de um tudo: trabalhei em ONG, feiras, start-ups e escrevi para a Feira Literária das Periferias, em 2013, o conto MC Kbelá, história de uma mulher negra e periférica, que alisou o cabelo boa parte da vida, mas, agora, deixava de fazer o procedimento. O texto ficou tão bonito que meus amigos me convenceram a transformá-lo em um curta-metragem. Me lembro que ainda estudava jornalismo e só de pensar em produzir um curta, meu coração acelerava. Fui sem medo: naquele mesmo ano, publiquei nas redes sociais um chamamento às mulheres negras, atrizes e não atrizes, que me escrevessem caso tivessem uma história parecida

com a da MC Kbelá. Dois dias depois do post, mais de 200 histórias de mulheres (de todo o Brasil!) lotavam minha caixa de e-mail.

Os relatos eram chocantes. Tinham as que foram expulsas de casa porque deixaram o alisamento de lado; as que foram abandonadas pelo namorado; as que perderam o emprego porque trabalhavam em lugares onde era malvisto ter um cabelo afro... Pensa comigo: há seis, sete anos, até existia uma discussão sobre o quão absurdas são essas atitudes, mas era muito diferente do que vemos hoje. Agora, temos publicidade, marcas se posicionando, a Maju Coutinho apresentando o *Jornal Hoje*... Sim, havia urgência naqueles relatos, naquele projeto.

Com ajuda de amigos, selecionei 30 mulheres do Rio de Janeiro – tinha o total de zero grana para trazer mulheres de fora da cidade – e nos reunimos num sábado para fazermos as leituras dos textos. Delas, selecionei o top 10 e, semanas depois, voltamos ao local para gravar. E como ficou? Olha, sabe aquela história de que tudo tem o tempo certo para acontecer? Pois bem, dias depois da gravação, enquanto voltava para casa do Aeroporto Santos Dumont e esperava meu ônibus na Praça XV, fui assaltada. Levaram minha mochila, meu HD e todo o *Kbela*. Fiquei arrasada, claro, mas resolvi aceitar que havia feito um ensaio, um exercício para algo com mais potência.

Passei dois anos reconstruindo o *Kbela*. Neste meio tempo, formei um time com 60 pessoas dispostas a fazer o filme acontecer. Também organizei um financiamento coletivo na internet para arrecadar budget para a produção. Em 2015, tinha R\$ 5.000, um time e um roteiro estruturado. A gravação aconteceu numa casa alugada no bairro da Santa Teresa (RJ), com uma produção 100% de mulheres negras.

No fim, *Kbela* estreou no dia 12 de setembro de 2015 em um dos mais importantes cinemas do País, o Cine Odeon, no Rio de Janeiro. Consegui o espaço na cara e na coragem, batendo na porta da diretora do cinema e contando a minha saga, mostrando o resultado do filme. E não é que deu certo? Não só consegui exibi-lo em um sábado, como soube que os ingressos esgotaram. Um marco!

Além do prêmio de Melhor Curta da Diáspora Africana na Academia Africana de Cinema, em 2017, e a exibição em importantes festivais do mundo, como o de Roterdã e Cabo Verde, sabe o que mais o curta me trouxe de presente? O Afroflix. Durante a

pesquisa para o *Kbela*, vi que existia uma gigaquantidade de produtos audiovisuais feitos por negros, mas que não chegavam para a massa. Foi aí que pensei em unir todos eles em uma plataforma única. Este é o [Afroflix](#), um catálogo de filmes, séries e clipes em que há protagonismo negro, podendo ser na direção, produção, roteiro ou interpretação (atriz e/ou ator principal). A plataforma está no ar, tem mais de 150 produções disponíveis e é 100% gratuita. Só dar o play!

#Gratidão, porém...

Óbvio que sou grata demais por ter feito tanta coisa bacana na minha vida. Além do *Kbela*, dirigir a série *Política: Modo de Fazer*, em 2018, para a GloboNews, foi superespecial. Como era ano eleitoral, visitei várias cidades de Pernambuco, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais para descobrir como as pessoas estavam se movimentando politicamente. Mas sei que não posso ter uma visão romantizada do que acontece no Brasil.

Sabe, eu tenho sete irmãos por parte de pai e eles estão, hoje, com a mesma idade que eu tinha quando vivia nos projetos sociais de Nova Iguaçu. Ao olhar para eles, infelizmente, vejo que a história não está se repetindo, e que os projetos e as políticas públicas que me fizeram ser quem sou desapareceram. Por isso, bato tanto na tecla da oportunidade. Tive várias delas, mas meus irmãos, mesmo sangue que eu, não as tiveram. Isso, para mim, é a minha maior tristeza. Saber que meu acesso à educação me difere dos meus próprios irmãos é péssimo. Afinal, vim do mesmo lugar, estudei na mesma escola, comi da mesma comida, mas por ter tido oportunidade aos direitos básicos e fundamentais previstos na Constituição (como a educação), sou vista como mais inteligente e especial que eles.

Por outro lado, é uma grande alegria saber que as trajetórias das mulheres negras têm sido menos solitárias. Cada vez mais, temos sido menos as primeiras, as únicas e, uau, isso é demais! Com tudo isso, quando me perguntam onde quero chegar, só posso dizer que viva. Viva aos 90 anos em todos os sentidos: física e criativamente, com boas experiências, histórias e aprendizados para dividir. Porque, sim, nossa fala importa e precisa ser cada vez mais ouvida.

Produção executiva: Stefani Sousa. Assistente de foto: Carine Felgueiras. Beleza: Piu Gontijo. Stylist: Annik Laviolla. Agradecimento: Hotel Selina Lapa (RJ)

Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2020/01/conheca-yasmin-thayna-cineasta-carioca-que-venceu-o-oscar-africano.html>> Acesso em: 01 de maio de 2021.

ANEXO E – Música “É o poder”, de Karol Conka (2015)

É O PODER
(Karol Conka)

É o poder
Aceita porque dói menos
De longe falam alto mas de perto tão pequenos
Se afogam no próprio veneno, tão ingênuos
Se a "carapuça" serve falo mesmo e eu cobro quem me deve

É o poder, o mundo é de quem faz
Realidade assusta todos tão normais
(Daw di rau di rau daw di rau di rau) Viu? Falei!
Depois não vem dizer que eu não avisei
Só não vem dizer que não
Só não vem dizer que não
Só não vem dizer que não

Sociedade choque eu vim para incomodar
Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar
Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim, se equivocou
Fui eu quem criei, vivi, escolhi, me descobri, e agora aqui estou
Não aceito cheque, já te aviso, não me teste
Se merece então não pede, vai fazer algo que preste!
Quem é ligeiro investe, não só fala também veste
Juíz de internet caga se espalhando feito peste

Se não tá no meu lugar então não fale, meu, não fale
Se for fazer pela metade, não vai, não vai
Eu vivo com doses de só Deus que sabe, o resto ninguém sabe
Quebro tudo para que todos se caiam

Quem vem?
Só quem tem coragem vai
Já falei que quem nasceu pra ser do topo
Nunca cai
O medo é de quem? (hein?)
Olha quem ficou para trás
É a vida segue (segue)
E o tempo não volta mais!

É o poder, o mundo é de quem faz
Realidade assusta todos tão normais
(Daw di rau di rau daw di rau di rau) Viu? Falei!
Depois não vem dizer que eu não avisei
Só não vem dizer que não
Só não vem dizer que não
Só não vem dizer que não

Eles não sabem o que dizem
Não aguenta então não fiquem

Eles não sabem o que dizem
Não aguenta então não fiquem

Se tem uma coisa que me irrita
É ver bocas malditas dizendo mentiras sobre minha vida
Coisas que eu nem vivi ainda (eita!)
Frustrados, pirados na cova
Já perdi a hora, preciso ir embora
Alguém me espera lá fora, me deixe

Me deixe, me deixe, me deixe, me deixe, me deixe...

Fonte: Musixmatch

Compositores: Karoline Dos Santos De Oliveira / Zegon / Duani / Don Cesão / Loudz

ANEXO F – “Zero”, de Liniker Barros (2015)

ZERO

Liniker e os Caramelows

A gente fica mordido, não fica?
Dente, lábio, teu jeito de olhar
Me lembro do beijo em teu pescoço
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

A gente fica mordido, não fica?
Dente, lábio, teu jeito de olhar
Me lembro do beijo em teu pescoço
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar e transpassei

A gente fica mordido, não fica?
Dente, lábio, teu jeito de olhar
Me lembro do beijo em teu pescoço
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar e transpassei

Peguei até o que era mais normal de nós
E coube tudo na malinha de mão do meu coração
Peguei até o que era mais normal de nós
E coube tudo na malinha de mão do meu coração

Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você

A gente fica mordido, não fica?

Fonte: [LyricFind](#)

Compositores: De Barros Ferreira Campos Liniker

ANEXO G – “O mais belo dos belos”, do Ilê Aiê (1992)**O MAIS BELO DOS BELOS**

(Ilê Ayê)

Quem é que sobe a ladeira do Curuzu?

E a coisa mais linda de se ver

É o Ilê Ayê

O mais belo dos belos

Sou eu, sou eu

Bata no peito mais forte

E diga: Eu sou Ilê

Não me pegue não, não, não

Me deixe à vontade

Não me pegue não, não, não

Me deixe à vontade

Deixe eu curtir o Ilê

O charme da liberdade

Como é que é?

Deixe eu curtir o Ilê

O charme da liberdade

Quem não curte não sabe, negão

O que está perdendo

É tanta felicidade

O Ilê Ayê vem trazendo

Dezoito anos de glória, não

São dezoito dias

Nessa linda trajetória

No carnaval da Bahia

E a galera a dizer!

Não me pegue não, não, não

Me deixe à vontade

Não me pegue não, não, não

Me deixe à vontade

Deixe eu curtir o Ilê

O charme da liberdade

Como é que é?

Deixe eu curtir o Ilê

O charme da liberdade

É tão hipnotizante, negão

O swing dessa banda

A minha beleza negra

Aqui é você quem manda

Vai exalar seu charme, vai

Para o mundo ver

Vem mostrar que você é

A Deusa Negra do Ilê

E a galera a dizer!

Não me pegue não, não, não

Me deixe à vontade

Não me pegue não, não, não
Me deixe à vontade
Deixe eu curtir o Ilê
O charme da liberdade
Deixe eu curtir o Ilê
O charme da liberdade
É sábado de carnaval, seu negão
Que tremendo zum, zum, zum
Ele está se preparando para subir o Curuzu
Quem não aguenta chora, não, não de tanta emoção
Deus teve o imenso prazer de criar essa perfeição
E a galera a dizer!
Não me pegue não, não, não
Me deixe à vontade
Não me pegue não, não, não
Me deixe à vontade
Deixe eu curtir o Ilê
O charme da liberdade
Como é que é?
Deixe eu curtir o Ilê
O charme da liberdade
Quem é que sobe a ladeira do Curuzu?
E a coisa mais linda de se ver?
É o Ilê Ayê
O mais belo dos belos
Sou eu, sou eu
Bata no peito mais forte
E diga: eu sou Ilê
Bata no peito mais forte
E diga: eu sou Ilê
Bata no peito mais forte
E diga: eu sou Ilê
Ilê

Fonte: Musixmatch

Compositores: Agnaldo Pereira Da Silva / Adailton Alves De Santana / Valter Farias